

Concertos de Domingo

Beethoven



**Orquestra
Gulbenkian**

11 nov 2018

11 NOVEMBRO
DOMINGO

12:00 / 17:00 — Grande Auditório

Concertos de Domingo

Orquestra Gulbenkian

José Eduardo Gomes Maestro

Francisco Lima Santos Violino

Ludwig van Beethoven

Romance para Violino e Orquestra n.º 2,
em Fá maior, op. 50

Sinfonia n.º 7, em Lá maior, op. 92

Poco sostenuto – Vivace

Allegretto

Presto – Assai meno presto

Allegro con brio

Duração total prevista: c. 1h
Concerto sem intervalo

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA
THE
NAVIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA
VA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO
SANTA
CASA
Marçanda de Lisboa. Por isso, cá fora.

MECENAS
CICLO PIANO
pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN
Globe

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA
BPI



LUDWIG VAN BEETHOVEN. PINTURA DE JULIUS SCHMID, c. 1920 © DR

Audição Interior

Ludwig van Beethoven (1770-1827), um dos mais extraordinários compositores de todos os tempos, começou a perceber, a partir dos 30 anos, que uma importante ferramenta do seu trabalho estava em risco de se perder. Não é clara qual a razão pouco feliz que, aos poucos, foi roubando a Beethoven a capacidade de se relacionar com o mundo através dos sons que escutava. O certo é que, a partir de então, a deterioração da audição empurrou o compositor alemão no caminho da surdez. Mesmo que, até ao final da vida, Beethoven nunca tenha deixado de se expressar musicalmente com inegável genialidade, a partir de 1801 os sintomas da perda de audição começaram a acentuar-se. Conta-se que, na noite da estreia da sua espantosa Sinfonia n.º 9, Beethoven teve de ser virado na direção do público para se aperceber da enorme ovação que recebia. Mas é inegável que esta limitação física, especialmente complicada de gerir para alguém cujo génio estava ao serviço da música, nunca o impediu de continuar a criar obras belas e consistentes. Aquilo que o corpo lhe parecia negar, dir-se-ia que Beethoven compensava com uma imaginação e uma fantasia inesgotáveis. Cada peça, à medida que os ouvidos se fechavam ao mundo, era inventada por uma criatividade que organizava os sons interiormente.

Terá sido ao criar o *Romance para Violino e Orquestra n.º 2*, em 1798, que o compositor alemão detetou pela primeira vez os problemas que haviam de progredir até à surdez final. A luminosidade das suas criações, e de que esta peça é um perfeito exemplo, nunca foi, no entanto, comprometida pela sua condição física. No entendimento de muitos estudiosos, este *Romance para Violino e Orquestra n.º 2* constituiria uma busca de consolo, uma forma de amenizar aquele que terá sido um dos maiores desgostos da sua vida. Como se Beethoven nos dissesse, através da música: contra a tristeza, ergamos a luz. A *Sinfonia n.º 7*, estreada com direção do próprio Beethoven em 1813, numa apresentação em Viena dirigida aos soldados bávaros feridos na Batalha de Hanau, que os opôs às tropas de Napoleão, havia de se tornar uma das suas criações preferidas. Mais tarde, colheria também os favores de Richard Wagner, que não se cansou de elogiar a sinfonia, chamando-lhe “a apoteose da dança”. Convencido de que o mundo não tardaria a dar-lhe razão, Wagner organizou uma sessão em que dançou ao som da peça, interpretada ao piano por Franz Liszt. Terá talvez percebido que, mesmo perante o agravamento do seu estado de saúde, Beethoven sempre respondeu com música que é, antes de mais, uma clara celebração da vida.

José Eduardo Gomes

José Eduardo Gomes é maestro titular da Orquestra Clássica do Centro e da Orquestra Clássica da FEUP. É professor na ESMAE - Porto, sendo o maestro responsável pela orquestra. Foi laureado com o 2.º Prémio no concurso Prémio Jovens Músicos, na categoria de Direção de Orquestra, tendo recebido igualmente o Prémio da Orquestra. Foi também distinguido no Concurso Internacional Villa de Montroy, em Valência (Espanha) e semifinalista no 1.º Concurso Citta' di Brescia Giancarlo Facchinetti (Itália). Começou a estudar clarinete em Vila Nova de Famalicão, sua cidade natal. Prosseguiu a sua formação na ARTAVE e na ESMAE - Porto, onde se diplomou na classe de António Saiote. Posteriormente estudou direção de orquestra na Haute École de Musique de Genève (Suíça), com Laurent Gay, e direção coral com Celso Antunes. Trabalhou com as principais orquestras portuguesas e foi Maestro Principal da Orchestre de Chambre de Carouge, na Suíça. Como maestro assistente, trabalhou com Martin André na Momentum Orchestra Momentum Perpetuum, na Casa da Música, e com Peter Eötvös e a Orquestra Sinfónica do Porto - Casa da Música. Uma parte importante do seu trabalho é desenvolvida com orquestras de jovens como a Orquestra Geração, bem como em escolas de música.

Francisco Lima Santos

Natural de Lisboa, Francisco Lima Santos estudou na Fundação Musical dos Amigos das Crianças, na Escola Superior de Música de Lisboa, no Koninklijk Conservatorium, em Bruxelas e na Escuela Superior de Música Reina Sofía, em Madrid, na classe de Ana Chumachenko e Zograb Tatevosyan. Foi concertino da Orquestra Sinfónica Juvenil, tendo-se apresentando também a solo em várias salas de espetáculos nacionais.

Integrou o projeto Orquestra XXI desde o início. Foi membro da Orquestra de Jovens da União Europeia, tendo tocado em importantes salas da Europa. Durante os seus estudos, foi premiado na categoria de violino em vários concursos, tais como, Concurso Internacional do Fundão, Prémio José Augusto Alegria e Prémio Jovens Músicos. Em 2016 venceu o Prémio Vasco Barbosa e, nesse mesmo ano, apresentou-se a solo com a Orquestra Sinfónica Portuguesa no Teatro Nacional de São Carlos. Integra o Artium Trio, agrupamento vencedor do Prémio Jovens Músicos 2016, na categoria de Música de Câmara. Colaborou com várias orquestras europeias, incluindo a Sinfónica de Euskadi, a Nacional da Bélgica e a Filarmónica de Munique. Tem integrado regularmente o Festival Cantabile, apresentando-se em concertos de música de câmara. É 1.º Concertino Auxiliar da Orquestra Gulbenkian desde 2017.

Orquestra Gulbenkian

Fundada em 1962, a Orquestra Gulbenkian já percorreu mais de cinquenta anos de atividade. Inicialmente constituída por 12 músicos, foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de 60 instrumentistas. Esta constituição permite-lhe tocar um amplo repertório, que abrange os principais períodos da história da música. Em cada temporada realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em colaboração com alguns dos mais reputados maestros e intérpretes. Sendo uma referência musical no nosso país, distinguiu-se também, ao longo dos anos, em muitas das principais salas de concertos do mundo. A sua relevante discografia recebeu importantes prémios internacionais. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.